

## ORGANIZAÇÃO DE TURMA HOMOGÊNEA: UMA ANÁLISE DAS ANGÚSTIAS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM BAIXO DESEMPENHO

*Aparecida Dias de Oliveira Torres*<sup>1</sup>

**Eixo temático: 9.** Alfabetização e as condições materiais e pessoais de ensinar em contextos diversos

**Resumo:** O presente estudo aborda questões referentes às dificuldades em alfabetizar uma turma com agrupamento de crianças que apresentam diferentes históricos de baixo desempenho escolar. O objetivo é encontrar respostas por meio da análise de vertentes, a fim de explicar o fato ocorrido com os alunos que integraram a Turma Alfa do Terceiro Ano do Ensino Fundamental de uma Escola pública do município de Itabira em MG. Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográficas e análise da experiência relatada, fazendo um paralelo entre prática e teoria: o que obteve e o que não obteve sucesso. Os resultados apontam à necessidade de um Projeto Político Pedagógico consistente e participativo além de deixar indagações a respeito do fracasso escolar.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Indisciplina; Fracasso escolar;

### Introdução

Abordar questões sobre a alfabetização ou sobre a dificuldade na alfabetização de alunos dos anos iniciais requer uma análise de conceitos e práticas no âmbito escolar que expliquem o processo e os resultados.

Para falar de alfabetização, não há como dissociá-la do letramento e para falar das dificuldades de aprendizagem é preciso analisar o contexto e o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino.

A escola atual atende alunos que trazem para a sala de aula, vivências múltiplas e conhecimentos diversos externos à escola. Quando se trata de instituição escolar da periferia, as técnicas de sobrevivência se sobrepõem às de conteúdo escolar e não é raro ouvir dos alunos relatos sobre o dia a dia das famílias. Até nas brincadeiras eles retratam a vivência na

---

<sup>1</sup>Especialização em Gestão Escolar (UFOP). Professor da Educação Básica do Município de Itabira/MG. Contato: [empi\\_aparecidatorres@educa.itabira.mg.gov.br](mailto:empi_aparecidatorres@educa.itabira.mg.gov.br)

comunidade, tais como perseguição policial, prisão e agressões.

Dessa forma, vamos falar de alfabetização e dificuldades de aprendizagem por meio de um relato de experiência numa turma de 3º Ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O presente trabalho consiste em um relato de experiência acerca da realização da alfabetização realizada numa turma com grande déficit de aprendizagem e que apresentava aspectos de indisciplina em sala de aula. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre o tema exposto e discutida a experiência, pontuando os fatos ocorridos em constante diálogo com estudos já elaborados sobre a problemática.

A primeira parte do trabalho apresenta a Turma Alfa, situando-a no tempo e espaço onde ocorreu a experiência. Em seguida, são apresentados alguns pressupostos teóricos e conceitos que embasam a discussão sobre o problema apontado. Na sequência, discute-se os resultados obtidos, dialogando com a revisão de literatura e, por fim, apresenta-se as conclusões obtidas após discussão e análise da problemática.

## **2. Relato de experiência docente**

O presente trabalho relata a experiência docente realizada com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Pedreira do Instituto, e que, nesse texto, será denominada Turma Alfa.

Para situar a turma, objeto de pesquisa neste trabalho, será necessário contextualizar o ambiente e a trajetória desses alunos.

A Escola Municipal Pedreira do Instituto é uma unidade da rede municipal de ensino de Itabira-MG e conta com a média de 350 alunos matriculados no Ensino Fundamental - anos iniciais (1º ao 5º ano). A maioria dos alunos é do bairro onde a escola está inserida e são oriundos das escolas de Educação Infantil desse mesmo bairro que possui duas creches conveniadas e um Centro de Educação Infantil de Pré-escola. Grande parte é também encaminhada para outra escola pública, da rede Estadual, no próprio bairro onde oferta os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Esse bairro é um dos maiores do município de Itabira, cidade de extração de minério de ferro. O bairro Pedreira do Instituto surgiu nas proximidades da mineração da empresa Vale do Rio Doce, na década de 60, sendo povoado por operários que trabalhavam na pedreira, a qual foi a base de matéria prima para instalação da mineradora. A pedreira estava localizada em área pública, pertencente ao Estado de Minas Gerais e, por isso, muitos operários apossaram-se de áreas no entorno da empresa, e, quando a pedreira foi desativada, o bairro cresceu. Atualmente abriga mais de seis mil habitantes, em espaço reduzido, sem planejamento habitacional, no qual os imóveis estão em fase de regulamentação fundiária.

A turma do Terceiro Ano Alfa, do ano de 2019, possuía 21 (vinte e um) alunos, na faixa

etária entre oito e dez anos de idade, sendo a única de terceiro ano no turno vespertino, outras duas frequentavam o turno matutino. Desses, treze alunos do sexo masculino e oito do sexo feminino. Dois alunos eram da zona rural e dezenove do próprio bairro. Nessa turma, quatro alunos eram repetentes. Foi realizado um diagnóstico no início do ano e o mesmo revelou que os alunos apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. Em relação à linguagem oral, dezoito alunos expressavam-se com clareza e fluência. Quanto ao nível de escrita, observou-se que três alunos se encontravam no nível pré-silábico, dois no nível silábico, sete no nível silábico alfabético, quatro no nível alfabético e três no nível ortográfico. Na Turma Alfa, onze alunos conseguiam escrever o nome completo sem auxílio de ficha e nove necessitavam dessa. Seis alunos conseguiam realizar apenas a pseudoleitura, cinco faziam leitura soletada, quatro liam de forma silabada e cinco possuíam leitura vacilante.

Essa situação já era conhecida, uma vez que a enturmação dos alunos foi realizada a partir da análise dos resultados das turmas do segundo ano de 2018. Os alunos, que ainda não estavam alfabetizados, foram agrupados numa única turma com o intuito de fazer o trabalho de alfabetização com classe homogênea, contrariando os critérios de enturmação da Secretaria Municipal de Educação. Nessa turma havia um professor de apoio que acompanhava três alunos com necessidades educacionais especiais: um aluno com Síndrome de Down e déficit de aprendizagem, um aluno com baixa audição e déficit de aprendizagem e uma aluna com suspeita de microcefalia (ainda não comprovada).

A princípio, foi elaborada apostila específica para os alunos, com uma sequência didática para alfabetização. Os conteúdos do livro foram adaptados para aulas no laboratório de Informática, com atividades orais e de discussão. As respostas poderiam ser coletivas, por meio de desenhos e, aos poucos, progredindo para uso de palavras e frases curtas. Teoricamente a proposta iria “atingir” os alunos e desenvolver a alfabetização, mas o que aconteceu foi um desafio muito grande.

Os alunos não apresentavam apenas problemas de aprendizagem. O que a enturmação revelou foi um conjunto de problemas de diferentes graus e formatos: problemas sociais ligados a abusos de infantes; crianças com familiar recluso; problemas psicológicos; problemas de moradia, incluindo problemas comportamentais das crianças com muita indisciplina, dentre outros. A professora, designada para a Turma Alfa, propôs diferentes planejamentos de aulas e atividades, que não conseguia colocar em prática. A cada tentativa, era interrompida pelos alunos que desviavam o assunto com protestos, agressões verbais e físicas contra colegas, agressões verbais contra a professora, comentários alusivos à prática sexual, o que gerava alvoroço na turma, tornando o ambiente inapropriado para o desenvolvimento da aula. A professora, com desgaste emocional, não conseguia se conter e pedia socorro inúmeras vezes por dia, chegando a necessitar de tratamento psiquiátrico e

usar medicamentos para conseguir trabalhar. Um dos alunos, o mais indisciplinado, foi encaminhado para o turno matutino, porém houve rejeição à permanência dele na turma à qual foi destinado e ele acabou ficando fora da sala. Fato que levou a gestão a retornar com esse aluno para a Turma Alfa. Nas reuniões de pais, realizadas durante o ano letivo, nem todos os responsáveis compareceram e quem comparecia dizia não saber o que fazer com a criança, pois em casa também apresentavam o mesmo comportamento ou era pior.

No segundo semestre do ano, a escola desenvolveu um Projeto de Empreendedorismo e essa turma foi desafiada a produzir artesanatos para a feira de culminância do projeto, enquanto as turmas do primeiro e segundo anos produziam livros, pois já estavam num processo de alfabetização mais elevado do que a Turma Alfa.

O projeto foi proposto e percebeu-se o entusiasmo dos alunos, inclusive do aluno mais indisciplinado. Nos meses de outubro e novembro, os alunos foram divididos em pequenos grupos e, enquanto alguns estavam na oficina de artesanato, os demais estavam em sala realizando as atividades da proposta curricular. Eles organizaram os objetos reaproveitáveis, trabalharam a receita de papel machê, estudaram sobre os problemas ambientais que o lixo gera, deram depoimentos, fizeram aula de campo com especialistas dos programas de Meio Ambiente e produziram as peças com ajuda da professora e da vice-diretora.

Fig.1 – Foto dos alunos do 3ºAno Alfa realizando atividades do Projeto Empreendedorismo.



Fonte: Arquivo da EMPI, 2019.

Durante a confecção das peças, os alunos discutiram, gravaram vídeos falando do

trabalho, se prepararam para apresentar e vender os produtos na feira, o que de fato aconteceu. No evento de culminância que reuniu todas as escolas, com seus estandes, os alunos da Turma Alfa fizeram a propaganda e venderam os produtos, arrecadando o valor que foi utilizado para custear a confraternização de fim de ano.

Ao final do ano de 2019, após as avaliações finais, a professora verificou que os alunos continuavam na mesma situação inicial, exceto dois alunos que avançaram do nível silábico para o silábico alfabético.

Analisando os dois momentos da turma: atividades de alfabetização e atividades empreendedoras e comparando o trabalho desenvolvido e os resultados, a equipe pedagógica buscou entender a Turma Alfa a partir da seguinte problemática:

Qual é a causa do fracasso na alfabetização da Turma Alfa? Estaria o fracasso relacionado à atuação do professor? Seriam os programas e propostas pedagógicas que não atendem aos anseios dos alunos? Seria a indisciplina dos alunos que prejudicaram as aulas? Seria a situação social e o contexto de vulnerabilidade ou, ainda, as condições de vida dos alunos?

Vamos lançar mão de alguns estudos para trazer luz às nossas indagações. Sabemos que as respostas podem ser diversificadas e talvez até divergentes, mas é preciso trazer à tona alguns estudos para desmistificar algumas crenças e ou ratificar alguma hipótese.

### **3. Revisão de Literatura**

#### **Alfabetização, Indisciplina e Fracasso Escolar**

Ao ingressar no Ensino Fundamental, o aluno inicia a sua jornada de alfabetização, dando continuidade às habilidades adquiridas na Educação Infantil e ampliando o repertório de conceitos e práticas sociais da leitura, escrita e conhecimentos gerais. Esse período de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é construído em etapas lúdicas e de interação grupal com a mediação do professor. Entretanto, muitas crianças passam por esse período e não consolidam a alfabetização. O que vem depois é uma sucessão de déficits na aprendizagem que caracteriza o fracasso escolar. Crianças, com grandes déficits, normalmente, levam esse fracasso ao longo dos anos seguintes e chegam ao Ensino Médio ainda sem saberem ler.

Para discutir esse fracasso na alfabetização, vamos entender o que é considerado aqui como alfabetização. Apoiamos no conceito que a professora Magda Soares define no Glossário Ceale (2014, p. 21): “alfabetização, atualmente, é entendida como a aprendizagem

de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – o sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego”. A autora acrescenta que “é um sistema de grafemas que representam sons da fala, os fonemas, portanto, um sistema de representação, não um código.” desta forma, conclui que “alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções”. (SOARES, 2014, p. 22).

Nesta perspectiva, a alfabetização é a compreensão do sistema alfabético interagindo com as habilidades do letramento, que segundo Magda Soares (2014, p. 181) é a “outra faceta da língua escrita”, neste sentido a autora esclarece que “é o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares.” Isto é, o uso da leitura e escrita como função social.

A alfabetização que queremos e nos propomos se baseia nesses aspectos descritos pelos autores, sendo os mesmos que norteiam a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2018 e que, conseqüentemente, deveria nortear o Projeto Político Pedagógico da escola:

“Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2018, p.57).

Levando em consideração os conceitos e propostas pedagógicas, é preocupante constatar, por meio de exames e de avaliações sistêmicas, que muitos alunos não conseguem consolidar as habilidades básicas da etapa da alfabetização, como o ocorrido com a Turma Alfa, constituindo um problema que gera o fracasso escolar de tantas crianças e adolescentes. As políticas públicas desenvolvidas para a educação ainda não foram eficazes para combater o analfabetismo no país. É muito frustrante, enquanto professora ou gestora escolar, constatar ao fim do ano que os alunos não consolidaram as habilidades necessárias e ou que se encontram em níveis muito aquém do esperado para a idade ou etapa escolar. Alunos que finalizam o quinto ano e mal conseguem registrar o próprio nome, que não conseguem ler palavras simples compostas de sílabas CV, CV. O que vem em seguida é a frustração dessas próprias crianças por se sentirem fracassadas e se destacarem com indisciplina e rebeldia nas salas de aula.

Segundo a autora Emília Danielle F. Simões, 2020:

O fracasso escolar constitui, ainda, um grande problema para nosso sistema educacional e algo que gera inúmeras discussões. Durante pelo menos as duas últimas décadas, essa situação continua evidente, em diferentes níveis, no nosso país. Isso se deve, em parte, ao fato de que as capacidades necessárias para a integração social do indivíduo tornaram-se cada vez mais complexas. (SIMÕES, 2020, p.3038).

Uma das hipóteses mais comuns levantadas acerca do fracasso escolar é que os

alunos em contexto de vulnerabilidade social estão mais propícios ao fracasso escolar. Para tanto entendemos vulnerabilidade social segundo PRATI; COUTO & KOLLER (2009): “..denominação usada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental, que auxiliam ou incrementam a probabilidade de seus membros virem a sofrer de perturbações psicológicas.” Desta forma, pode-se observar tal condição em uma única família ou em uma comunidade inteira.

Mas por que tal situação é tida como influenciadora no fracasso escolar? Segundo a autora Simões (2020): “Uma das características dessa camada é a baixa escolaridade. A escola é posta de lado já que a necessidade de renda é vista como maior e mais urgente.” Logo, por não colocar o ensino escolar como prioridade, esses pais acabam por influenciar os filhos.

Um outro ponto de vista apontado é a relação de ensino aprendizagem estabelecida entre professor e aluno. Segundo Gregório (2011), as atitudes dos professores exercem certo impacto nas relações de ensino-aprendizagem. “As atitudes dizem mais do que as palavras: um olhar, um gesto, um sorriso podem ajudar o aluno a ter sucesso na vida escolar ou empurrá-lo para fora da escola.” A autora acrescenta que “Às vezes, o que as crianças esperam é uma imagem de aprovação, e o que os professores projetam é um olhar de desprezo e desaprovação”.

Para os autores Rocha e Santos (2015) o fracasso pode estar ligado a fatores diversos pois, “além dos problemas, sejam estes originários da sociedade ou até mesmo da família, deve - se dar um destaque especial às interpessoais do aluno, considerando seu psíquico como ponto de partida para o seu desenvolvimento” Esses autores não descartam a influência do ambiente na formação desse sujeito.

Segundo esses autores, o ambiente da sala de aula é um espaço favorável a relações interpessoais. No entanto, o fracasso pode ser atribuído a fatores existentes nesta relação, uma vez que “o professor enquanto agente de transformação e de formador de cabeças pensantes deve ser consciente de sua responsabilidade e saber lidar com qualquer situação não comum ao processo educativo” (ROCHA & SANTOS, 2015).

Esses autores trazem outros autores para a discussão apresentando-nos o argumento de que “um ambiente que se utiliza das estratégias corretas, que estimulem a aprendizagem, não há espaço para o surgimento do fracasso.” E na sequência afirma que “...o fracasso escolar pode ser motivado pela forma como o professor conduz a sua aula.” (Rocha e Santos, *apud* Dantas e Farias (2015, p. 11).

Nesse sentido os autores defendem o planejamento bem elaborado com todas as etapas delineadas, com começo, meio e fim de forma que motive o aluno. Eles enfatizam que a didática do professor gera aprendizagem significativa, pois os alunos devem se sentir

participantes do processo.

Não é raro ouvir de diferentes públicos a associação do fracasso escolar à indisciplina na sala de aula e esta, por sua vez, com a violência vivenciada em locais de vulnerabilidade social. Boarini (2013), explica esse fato ao “estereótipo presente no imaginário da sociedade em geral, que entende a violência como uma característica da natureza da pessoa economicamente desfavorecida”. Embora esse pensamento seja frequente, estudos mostram que a indisciplina não tem idade, cor, nem classe social. Ela está presente em diferentes níveis e até mesmo em países de primeiro mundo (BOARINI, 2013).

Segundo a autora, os professores convivem tanto com a indisciplina que já a consideram normal, deixando, inclusive, de se queixarem à gestão escolar tal fato. Boarini (2013) acrescenta que “É evidente que todo aluno ‘indisciplinado’ ou ‘violento’ tem seus determinantes psíquicos, pertence a uma família, independente do seu modelo de estruturação, e que a indisciplina escolar é um fenômeno que se concretiza na escola.”

Procurar entender esses fatos não é tarefa fácil. Há uma relação entre vários aspectos e sistemas que se interligam: o familiar, o educacional, o social, as políticas públicas, o contexto histórico e a própria história de cada aluno e professor envolvido no processo de ensino e aprendizagem. (BOARINI, 2013).

Muito se fala, na educação, em aulas motivadoras. É preciso motivar o aluno para que ele aprenda. A autora faz uma crítica ao modo de controle da classe e acrescenta que “via de regra, professor competente é aquele que mantém a classe em silêncio.” Diante do que pode ou não se fazer, alguns professores se se veem, muitas vezes, perdido numa turma de alunos com interesses distintos e sem conseguir atender os interesses de cada um, por excesso de zelo para não traumatizar a criança, acaba por inviabilizar o estabelecimento de regras de convivência social.

Boarini (2013) esclarece-nos que, diferentemente do primeiro exemplo, há professores, que, em busca de controle da disciplina em classe, adota uma postura repressora, proibindo o aluno até mesmo de sair da sala de aula.

Embora o professor busque métodos diversos para desenvolver as aulas e promover a aprendizagem, nossos objetivos não estão sendo alcançados. “no Brasil a democratização do acesso ao Ensino Fundamental e Médio é um fato incontestável. Todavia a qualidade de ensino mantém-se distante da democratização do saber. (BOARINI, 2013).

Diante dessas atitudes, os professores tendem a adoecer. Fato que vem ocorrendo em diversas escolas e evidenciados em licenças médicas constantes. Atualmente, estudos têm revelado a incidência de professores acometidos por doenças relacionadas ao estresse no ambiente de trabalho, conforme nos diz Silva (2006) o entusiasmo inicial dá lugar à fadiga crônica, estagnação e frustração, (...) aparecem sintomas como irritabilidade, fuga dos



contatos, atrasos e faltas. A seguir, vem a apatia e burnout total, (...) o professor já experimenta desespero, autoestima corroída e até depressão. Surge o desejo de abandonar o trabalho.”

Esta situação não é incomum. Se buscarmos notícias e estudos sobre saúde emocional dos professores, podemos observar que há um grande acervo que traz esse tema. Em contrapartida, muitos pais procuram atendimentos clínicos para os filhos os quais fazem uso de medicamentos para conseguirem estudar. Aqui, lançamos outra indagação: A Escola adoeceu?

#### **4. Resultados e Discussão**

Diante dos resultados apresentados pela turma e dos estudos analisados pelos autores que embasaram a discussão, percebemos que eram diversos os problemas da turma Alfa. A alfabetização da turma não aconteceu. Apenas um aluno progrediu do nível pré-silábico para o silábico. Os alunos que não conseguiam escrever o nome sem auxílio da ficha, continuavam no mesmo nível.

A bibliografia consultada nos trouxe vários pontos de reflexão: a alfabetização precisa estar associada ao letramento; existe um estereótipo de pensar que apenas alunos das classes pobres são indisciplinados; as relações interpessoais na sala de aula dizem muito sobre o comportamento do aluno e influência na aprendizagem; para o aluno aprender, o conteúdo deve ter significado para ele; a escola, a família e o aluno fazem parte de uma sociedade e seu contexto deve ser levado em conta.

Assim, podemos perceber que a Turma Alfa apresentou problemas de diferentes origens e a enturmação realizada, agrupou também esses problemas. Não são problemas específicos dos alunos dessa escola. A Turma Alfa destacou-se porque estava muito diferente das outras, o que não significa que na escola não há um grande problema na alfabetização de alunos, visto que nessa turma de terceiro ano havia 21 alunos ainda não alfabetizados e que prevaleceu sem avanços ao final do ano letivo.

#### **5 Considerações Finais**

À luz das diferentes bibliografias estudadas e da análise dos resultados, percebeu-se que os alunos não tinham sido alfabetizados por diversas situações e não era apenas a **não alfabetização** que estava em pauta naquela turma. Os problemas podem ter origens diferentes e todos foram agrupados numa mesma sala de aula devido a uma forma errônea de enturmação. Percebeu-se que esses alunos não se sentiam estimulados até serem desafiados com o Projeto Empreendedorismo em sala de aula. Quando eles puderam fazer

parte da proposta e ver um resultado palpável. Isso demonstra que esses alunos não se encontravam na fase de pensamento abstrato, por isso, não viam sentido no conteúdo que lhes era ensinado.

Mediante o exposto, fica evidente que o agrupamento de alunos numa turma escolar deve ser heterogêneo, não só para evitar indisciplina, mas para fortalecer o grupo que aprende nas interações. Outra evidência no relato é o comportamento modificado durante o Projeto Empreendedorismo. Este foi fator relevante que motivou os alunos a realizarem ações com objetivos claros e resultados concretos, esperados e alcançados.

Neste sentido, o Projeto Político Pedagógico há de ser consistente em propostas e embasamento teórico científico e que aborde também formação para os professores e equipe pedagógica, sem abrir mão de uma revisão colaborativa, de forma que toda a equipe docente passa a ser autor e responsável pelo processo educativo na instituição.

## Referências

BOARINI, M.L. **Indisciplina escolar: uma construção coletiva**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/XXZFPzyfyJyWpG4qxCLkbLw/?lang=pt>> Acessado em 27/06/2021.

BRASIL/MEC. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_verseofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf)> Acessado em 03/07/2021.

SOARES, M. B. **Alfabetização**. In Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2014. p. 21-22.

GREGÓRIO, M.K.S.V. **A influência das expectativas de uma professora em relação à aprendizagem da escrita de alunos que vivem em situação de vulnerabilidade social**. UFMG, 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8MHRY>> Acessado em 27/06/2021.

ROCHA, H.L.B & SANTOS, J.O **Fracasso escolar: Limites à cidadania**. Revista Brasileira de Educação e Saúde. Disponível em <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/>> Acessado em 27/06/2021.

SILVA, M. E. P . **Burnout: por que sofrem os professores?** . ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA, UERJ, RJ, ANO 6. 2006. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a08.pdf>> Acessado em 27/06/2021

SIMÕES. E. D.F. **As dificuldades de aprendizagem e a vulnerabilidade social**. Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 6, n. 1, p.3037-3046 jan. 2020 N. 1, 1º SEMESTRE DE 2006. Disponível em <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/6243>> Acessado em 27/06/2021.